



## LIGHT REVEALING ARCHITECTURE

MILLET, MARIETTA S. NOVA YORK: JOHN  
WILEY & SONS, 1996. 183 P.

ISBN: 0-471-28644-3 978-0-471-28644-8

Jéssica Cristine da Silva Fonseca Matos  
Paulo Sergio Scarazzato

No ano em que se comemora o vigésimo aniversário do lançamento do livro *Light Revealing Architecture*, é mais do que oportuno revisitar aquela obra seminal que, nascida clássica, tem servido de inspiração para estudantes e arquitetos até os dias de hoje. Sensível, cativa pelo texto rigoroso, embora singelo, e pelas belas imagens – mais de quatrocentas, entre fotos e desenhos.

Millet brinda o leitor ao compartilhar com ele seu método de análise de questões de luz aplicadas à arquitetura, agrupando-as em quatro capítulos nos quais descreve a luz como elemento que revela experiência, forma, espaço e significado. Cada uma dessas qualidades da luz é abordada em um capítulo.

No capítulo “Lighting Revealing Experience” ela explora a indissociabilidade entre conhecimento e experiência. O conhecimento é cumulativo, e desde a mais tenra idade aprendemos como as formas são reveladas pela luz, ainda que de modo inconsciente.

Quem experimenta observa, descobre, aprende, vivencia. Experimentar é uma necessidade inerente ao ser humano. Experimentar aguça a intuição e é a matéria-prima da erudição. Em arquitetura, erudição implica no conhecimento profundo do “espírito” do lugar, ou “*genius loci*” em latim.

Entre outros exemplos referidos no capítulo, a Vila Mairea, revela de modo sutil e encantador a erudição e sensibilidade de Alvar Aalto na leitura do sítio onde o projeto seria implantado. Ao envolver uma escada interna com peças roliças e esbeltas de madeira, e com isso criar um belo efeito visual, ele na realidade estava mimetizando o bosque de pinus próximo, observável por quem transita por aquela peça.

A luz sugere lugares e memórias, ao recriar padrões específicos que remetem a espaços e lembranças. Se usada de forma poética, acrescenta novas qualidades a um determinado lugar. Luz e sombra, luz e escuridão estão presentes no subconsciente humano, em suas experiências culturais, sociais e

personais. E a experiência pode fazer a diferença. A iluminação destinada a atender exigências de tarefas visuais pode e deve ir além do atendimento a normas ou regulamentos sem, contudo, negá-los. Pode e deve emocionar. É sempre possível sair da “esterilidade” de uma solução “tecnicamente correta” em direção ao poético.

As formas arquitetônicas são exaltadas pela luz e podem ser por ela constantemente modificadas. Com relação à iluminação natural, esta dinâmica se dá com a variação qualitativa e quantitativa ao longo dos dias e estações do ano. Já a iluminação artificial, de natureza constante, pode variar em função de acionamentos de distintos circuitos ou pelo controle da emissão de luz, por dimerização.

“Lighting Revealing Form” é o título do capítulo 2. Nele, Millet discorre sobre as muitas possibilidades que a luz oferece, tanto para revelar a arquitetura, como para “desmaterializar” suas formas, a depender do jogo do claro-escuro, da luz e sombra.

Forma e luz se justapõem de modo a parecer que a primeira foi criada pela e para a segunda, mais do que pela e para as forças da gravidade. Seja com a luz, seja com a sombra, essa ideia de desmaterialização que foi utilizada em diferentes períodos é encontrada em diversos exemplares da arquitetura contemporânea. Na igreja de Myymäki, Finlândia, projeto de Juha Leiviska (1984), há períodos em que diagonais fortes de luz e sombra criam uma sinfonia das formas com a luz, em uma composição multicolorida de luz e sombra. Um belo exemplo de “desmaterialização” visual da forma a favor da luz.

Quando aparentes, os elementos estruturais dos edifícios podem ser valorizados ou ocultados pela luz. Se levadas em conta, essas possibilidades auxiliarão na tomada de decisões relativas à forma. Da mesma maneira, a escolha dos materiais igualmente tem grande peso na revelação das formas pela luz. Um mesmo espaço arquitetônico se revelará de modos diferentes, tantas quantas sejam as alternativas relativas a seus materiais de acabamento.

O capítulo 3, “Lighting Revealing Space” enfatiza o fato de que o significado e a importância de um espaço arquitetônico para o usuário dependem de como a luz revela aquele espaço e das hierarquias visuais que propiciam. E dependem ainda das experiências acumuladas pelo usuário relativamente à iluminação de edifícios, experiência essa que todos temos, ainda de modo inconsciente. Este dado reforça a necessidade de erudição, já referida.

A luz é um artifício poderoso para prover a orientação em um edifício, ao gerar hierarquias visuais ou sugerir movimento. A luz também pode ser utilizada para organizar o espaço, ao criar limites claros para o usuário, definir espaços e circulações, e atrair a atenção para um foco – seres humanos são fototrópico. Os objetos mais luminosos ou pontos de luz atraem muito, o brilho é importante, dentro de certos limites.

É a luz que nos indica a diferença entre exterior e interior. Diferentemente dos outros elementos, como calor, frio, chuva, neve e vento, que precisam ser excluídos do interior dos ambientes para assegurar conforto, a luz é desejada no interior. A depender do clima do lugar e das intenções do projeto, o interior pode ser apresentado como uma extensão do exterior, ou um contraste dele. Desta maneira, as aberturas se constituem em componentes principais do

espaço construído – seu tamanho, forma e localização determinam a transição entre o espaço construído e a paisagem.

A luz contribui para a definição do espaço. Assim como nos primórdios da espécie humana a presença do fogo nos interiores caracterizava os espaços, ainda hoje a luz modela o espaço arquitetônico, seja ela a disponível na natureza, ou produzida pelo engenho humano.

O último capítulo é dedicado ao simbolismo da luz, e intitula-se “Lighting Revealing Meaning”. Os simbolismos da luz são muitos. A luz tem significados especiais, interpretados de muitas maneiras diferentes. O nascer do sol, o mosaico colorido da luz das superfícies da catedral gótica, a escuridão de uma escada nas igrejas nórdicas ou a luz brilhante de uma discoteca – todos conduzem a um significado que se difere de acordo com nosso estado de espírito.

Quando se pretende dar uma conotação simbólica à luz, a sua ausência ganha relevância. A escuridão faz parte da nossa experiência com a luz; assim como o preto é necessário para complementar o branco, a escuridão é necessária para completar a experiência de luz. A luz revela ou oculta. A escuridão, símbolo do desconhecido, provoca fortes reações. Luz tênue, que não deixa de ser luz “esmaecida” pela escuridão, pode induzir à contemplação.

A luz ainda pode ser festiva, para celebrar uma data ou lugar, teatral, que dramatiza um cenário ou evento, metafórica, que sugere uma comparação com outro lugar ou conceito, e simbólica, que representa algo mais imaterial do que ela própria, como a abstração do infinito, ou o divino.

*Lighting Revealing Architecture* merece ser lido e relido inúmeras vezes. Agora, se a velocidade dos dias atuais não permitirem esse “privilégio”, uma única leitura cuidadosa, ou mesmo uma folheada com certa calma, certamente ajudarão o leitor a ter um novo olhar acerca da importância do papel da luz e da iluminação na arquitetura.

---

**Jéssica Cristine da Silva Fonseca Matos**

Mestranda em Iluminação no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas (FEC-Unicamp).

CV: <http://lattes.cnpq.br/3073669866545116>

[jessica@jfm.arq.br](mailto:jessica@jfm.arq.br)

**Paulo Sergio Scarazzato**

Professor junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e à Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas (FEC-Unicamp).

CV: <http://lattes.cnpq.br/2016980574229654>

[pasezato@usp.br](mailto:pasezato@usp.br)